

A ESCALADA DE

EMILY



Lucy Maud Montgomery

A ESCALADA DE  
EMILY

Trilogia da mesma autora de  
*Anne de Green Gables*

Tradução: Bruno Amorim



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês  
*Emily climbs*

Revisão  
Agnaldo Alves

Texto  
Lucy Maud Montgomery

Produção editorial  
Ciranda Cultural

Editora  
Michele de Souza Barbosa

Diagramação  
Linea Editora

Tradução  
Bruno Amorim

Design de capa  
Ana Dobón

Preparação  
Fernanda R. Braga Simon

Imagens  
Liliana Danila/shutterstock.com

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787e Montgomery, Lucy Maud

A escalada de Emily / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Bruno Amorim. - Jandira, SP : Principis, 2022.

336 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial ; v.2)

Tradução de: *Emily climbs*

ISBN: 978-65-5552-256-3

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. 3. Romance. 4. Amizade. 5. Artes. I. Amorim, Bruno. II. Título. III. Série.

2022-0553

CDD 028.5

CDU 82-93

**Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803**

#### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2022

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta obra reproduz costumes e comportamentos da época em que foi escrita.

*Ao*  
*“Pastor Felix”,*  
*Com carinhoso reconhecimento*



# Sumário

Escrevendo até cansar .....	9
Dias de mocidade .....	23
Na escuridão da noite .....	45
“Como os outros nos veem” .....	67
Encontrando um meio-termo.....	85
Prelúdios de Shrewsbury .....	94
Miscelânea.....	107
Sem provas .....	124
Momento sublime .....	139
Momento de cólera .....	145
Altos e baixos .....	162
Como agulhas em um palheiro .....	176
O abrigo .....	187
A mulher que deu uma sova no rei.....	200
Fazendo o impossível.....	208
À deriva.....	218
O beijo.....	236
Prova indiciária.....	245
“Vozes no ar” .....	254
Na antiga casa de John Shaw.....	273
Laços de sangue .....	283

Amor de cão.....	296
Uma porta aberta.....	308
Um vale dos sonhos .....	314
Amor de primavera.....	325





# Escrevendo até cansar

Emily Byrd Starr estava sozinha em seu quarto, na antiga casa de fazenda de Lua Nova, em Blair Water, em uma noite tempestuosa de fevereiro nos velhos tempos antes de o mundo virar de ponta-cabeça. Naquele momento, estava tão feliz quanto se é possível estar. A tia Elizabeth, em consideração ao frio que fazia naquela noite, permitiu que ela acendesse sua pequena lareira; isso era algo raro. O fogo flamejava e banhava de um vermelho dourado o pequeno e imaculado quarto, com sua mobília antiga e suas janelas de parapeitos largos e compridos, em cujas vidraças congeladas e branco-azuladas os flocos de neve se grudavam, formando pequenas guirlandas. Isso dava um ar de profundidade e mistério ao espelho na parede, que refletia Emily, encolhida sobre a otomana em frente à lareira e escrevendo, à luz de duas velas brancas e altas (velas eram a única forma de iluminação permitida em Lua Nova), em seu novíssimo “caderno Jimmy” preto e brilhante, que lhe havia sido dado pelo primo Jimmy mais cedo naquele dia. Emily ficou muito alegre ao recebê-lo, pois já havia terminado o outro que ele havia lhe dado no último outono

e, durante duas semanas, havia padecido com a terrível angústia de não poder escrever em um “diário” inexistente.

Seu diário havia se tornado um fator primordial em sua intensa juventude. Havia tomado o lugar de certas “cartas” que ela escrevia na infância para seu falecido pai, nas quais tinha o hábito de “registrar” seus problemas e preocupações – pois, mesmo no período mágico da vida em que se tem menos de 14 anos, os problemas e as preocupações se fazem presentes, especialmente quando se está sob os cuidados rígidos e bem-intencionados, ainda que não muito carinhosos, da tia Elizabeth Murray. Às vezes, Emily tinha a sensação de que, não fosse por seu diário, já teria se desfeito em cinzas, consumida pelo próprio fogo interior. Aquele “caderno Jimmy” grosso e preto era para ela como um amigo pessoal e um confidente seguro para assuntos que ardiam para serem expressos, mas que, todavia, eram demasiado inflamáveis para serem confiados aos ouvidos de alguém. Naqueles dias, cadernos em branco de qualquer tipo não eram coisa fácil de arranjar em Lua Nova e, se não fosse pelo primo Jimmy, Emily talvez nunca tivesse tido um. A tia Elizabeth certamente não lhe daria, pois achava que Emily gastava tempo demais “com essa bobagem de escrevinhar”; e a tia Laura não ousaria contrariar a tia Elizabeth, sobretudo pelo fato de ela mesma achar que Emily poderia encontrar ocupação melhor. A tia Laura era uma joia, mas certas coisas estavam além de sua compreensão.

O primo Jimmy, contudo, nunca se sentia intimidado pela tia Elizabeth e, quando cismava que Emily carecia de um “caderno em branco”, esse caderno se materializava imediatamente, em desacato aos olhares repreensivos da tia Elizabeth. Mais cedo naquele mesmo dia, ele havia ido a Shrewsbury, com a tempestade batendo à porta, só para comprar o tal caderno. Assim, Emily estava feliz, iluminada pela luz débil e amistosa da lareira, enquanto o vento uivava e assobiava por entre as grandes e antigas árvores a norte de Lua Nova, lançava enormes e fantasmagóricas guirlandas de gelo em rodopios através do famoso jardim do primo Jimmy, cobria completamente de neve o relógio de sol e sibilava de modo sinistro entre as Três Princesas (como Emily costumava chamar os três choupos-da-lombardia que havia no canto do jardim).

“Adoro uma noite de tempestade como esta, quando não preciso sair”, escreveu Emily. “O primo Jimmy e eu passamos uma tarde esplêndida planeando nosso jardim e escolhendo nossas plantas e sementes no catálogo. Bem ali, onde a neve está caindo em maior quantidade, atrás do gazebo, faremos um canteiro de ásteres rosa e daremos aos Dourados<sup>1</sup> (que, agora, estão dormindo sob mais de um metro de neve) um fundo de cerejeiras em flor. Adoro planejar o verão dessa maneira, no meio de uma tempestade. Parece que estou vencendo uma batalha contra algo muito maior que eu, simplesmente porque tenho um cérebro, e porque a tempestade não é nada além de força bruta e cega – terrível, mas cega. Tenho a mesma sensação quando estou aqui, aconchegada diante desse fogo gostoso, e ouço a fúria dela à minha volta, e *rio* dela. E *tudo* porque, mais de cem anos atrás, meu trisavô Murray construiu esta casa muito bem construída. Pergunto-me se, daqui a cem anos, alguém vai vencer alguma batalha contra alguma coisa por causa de algo que eu deixei ou que fiz. É um *pensamento inspirador*.”

“Escrevi essas palavras em itálico sem pensar. O professor Carpenter disse que eu uso itálico demais. Ele disse que isso é uma obsessão do início da Era Vitoriana<sup>2</sup> e que eu preciso me esforçar para abandoná-la. Cheguei à conclusão de que faria isso quando olhei o dicionário, porque evidentemente estar obcecado não é bom, apesar de não ser tão mau quanto estar *possuído*. Lá vou eu de novo! Mas acho que o itálico está correto desta vez.

“Passei uma hora inteira lendo o dicionário, até que a tia Elizabeth ficou desconfiada e sugeriu que seria muito melhor se eu fosse tricotar minhas meias de lã. Ela não conseguiu determinar com exatidão por que era errado que eu estivesse absorta no dicionário, mas teve certeza de que algum problema havia nisso, porque não era algo que *ela* faria. Eu *amo* ler o dicionário. (Sim, esses itálicos são *necessários*, professor Carpenter. Um ‘amo’ simples e comum não expressaria de forma alguma meu

---

<sup>1</sup> O primo Jimmy chama os narcisos de “os Dourados” (*Golden Ones*). V. *Emily de Lua Nova*. (N.T.)

<sup>2</sup> Entende-se como o período do reinado da rainha Vitória, que foi de 1838 a 1901. (N.T.)

sentimento!) As palavras são tão *fascinantes*. (Desta vez, me lembrei na primeira sílaba!) O mero som de algumas delas – como ‘assombrado’ e ‘místico’, por exemplo – faz *o lampejo* aparecer. (Ai, puxa! Mas eu *preciso* colocar *o lampejo* em itálico. Não é algo comum... É a coisa mais extraordinária e maravilhosa de toda a minha vida. Quando ele vem, sinto como se uma porta se abrisse à minha frente, e eu tivesse um vislumbre do... sim, *do céu*. Mais itálico! Ah, percebi por que o professor Carpenter me dá bronca! Preciso me libertar desse hábito.)

“As palavras grandes nunca são bonitas: ‘incriminador’; ‘indisciplinado’; ‘internacional’; ‘inconstitucional’! Elas me lembram de umas dalias e uns crisântemos gigantes e horríveis que o primo Jimmy me levou para ver em uma exibição em Charlottetown no outono passado. Não conseguimos ver nada de bonito neles, apesar de algumas pessoas os terem achado maravilhosos. Os pequenos crisântemos amarelos do primo Jimmy, que pareciam débeis estrelas mágicas brilhando contra o bosque de pinheiros a noroeste do jardim, eram dez vezes mais bonitos. Mas estou devaneando para longe do assunto, o que também é hábito meu, segundo o professor Carpenter. Ele disse que eu *preciso* (o itálico é dele desta vez!) aprender a me concentrar – outra palavra grande e bem feia.

“Mas eu me diverti bastante com o dicionário; muito mais que tricotando a meia de lã. Queria ter um par (só um) de meias de seda. Ilse tem três. O pai dela lhe dá tudo que ela quer, agora que aprendeu a amá-la. Mas a tia Elizabeth disse que meias de seda são *indecentes*. Queria saber por que elas são, e as de lã, não.

“Falando de roupas de seda, a tia Janey Milburn, de Derry Pond (ela não tem parentesco nenhum conosco, na verdade, mas todos a chamam assim), fez um voto de que jamais vai usar vestido de seda até que todo o mundo gentio se converta ao Cristianismo. Isso é muito bom. Queria ser boa assim, mas não sou: gosto demais de seda. É um tecido tão suntuoso e brilhante. Queria vestir seda o tempo todo e, se eu tivesse dinheiro para isso, é o que eu faria – embora eu ache que, toda vez que eu pensasse na querida tia Janey e nos gentios não convertidos, minha consciência pesaria. Contudo, ainda vai demorar muitos anos para que eu possa comprar

pelo menos um vestido de seda, se é que algum dia eu vou poder, e, no meio-tempo, doo todos os meses um pouco do dinheiro que ganho com os ovos para as missões. (Já tenho cinco galinhas, todas descendentes da franga cinza que o Perry me deu no dia do meu aniversário de 11 anos.) Se algum dia eu conseguir comprar esse único vestido de seda, já sei como ele vai ser. Não vai ser nem preto, nem marrom, nem azul-marinho, que são cores utilitárias, muito usadas pelos Murray de Lua Nova. Ah, não! Vai ser de seda furta-cor: azul sob uma luz e prateado sob a outra, como um céu crepuscular visto através de uma janela congelada. Também quero que tenha um pouco de renda aqui e ali, como aquelas pequenas penas formadas por flocos de neve que ficam presas à vidraça da minha janela. O Teddy disse que vai me pintar usando esse vestido, e o nome da pintura vai ser *A dama de gelo*. A querida tia Laura sorriu e disse, de um jeito doce e condescendente que eu detesto mesmo nela:

“E que utilidade um vestido assim teria para você, Emily?”

“Talvez não tenha utilidade nenhuma, mas eu me sentiria como se ele fosse parte de mim; como se tivesse crescido comigo, e não como se tivesse sido comprado e vestido. Quero ter pelo menos um vestido assim na vida. E anágua de seda embaixo dele... e meias de seda!

“A Ilse agora tem um vestido de seda; é rosa-choque. A tia Elizabeth disse que o doutor Burnley veste a Ilse de um jeito adulto e opulento demais para uma criança. Mas ele quer compensar todos os anos que passou sem vesti-la. (Não quero dizer que ela andava nua, mas, por ele, ela poderia muito bem andar. Outras pessoas precisavam cuidar das roupas dela.) Ele agora faz tudo que ela quer e cede a todas as vontades dela. A tia Elizabeth diz que isso é muito ruim para ela, mas, às vezes, eu invejo um pouco a Ilse. Sei que isso é algo ruim, mas não consigo evitar.

“O doutor Burnley vai mandar a Ilse para o Liceu de Shrewsbury no próximo outono e, depois disso, para Montreal, para estudar locução. É por isso que a invejo, e não pelo vestido de seda. Queria que a tia Elizabeth me deixasse ir estudar em Shrewsbury também, mas acho que isso nunca vai acontecer. Ela não confia em mim porque minha mãe fugiu. Mas ela não precisa ter medo de que eu fuja. Já decidi que não vou me casar nunca. *Vou me casar com minha arte.*

“Teddy quer ir estudar em Shrewsbury no outono que vem, mas a mãe dele também não quer deixar. Não porque ela tenha medo de que ele fuja, mas porque ela o ama tanto que não consegue se separar dele. Teddy quer ser artista, e o professor Carpenter disse que ele tem talento e que deveria aproveitar a oportunidade, mas todos têm medo de confrontar a senhora Kent. Ela é uma mulher bem pequena (tem a mesma altura que eu), quieta e tímida; ainda assim, todos têm medo dela. *Eu* morro de medo. Sempre soube que ela não gosta de mim; desde quando a Ilse e eu fomos visitar o Sítio dos Tanacetos pela primeira vez, para brincar com o Teddy. Mas, agora, ela me odeia – tenho certeza disso –, só porque o Teddy gosta de mim. Ela não admite que o Teddy goste de algo ou de alguém além dela. Tem ciúmes até dos desenhos dele. Assim, é difícil que ele consiga permissão para ir estudar em Shrewsbury. O Perry vai. Ele não tem um centavo, mas vai trabalhar para conseguir. É por isso que ele prefere ir para Shrewsbury a ir para a Queen’s Academy. Ele acha que vai ser mais fácil conseguir trabalho em Shrewsbury, e a hospedagem lá é mais barata.

“A besta velha da tia Tom tem um dinheirinho’, ele me disse, ‘mas não vai me dar nem um tostão, a não ser... a não ser...’

“E então ele me lançou um olhar cheio de *significados*.

“Eu corei; não consegui evitar; aí fiquei furiosa comigo mesma por ter corado, e com o Perry, por ele ter mencionado um assunto do qual eu não queria nem lembrar, isto é, aquele dia em que a tia Tom me encurralou no bosque do John Altivo, há muito e muito tempo, e quase me matou de medo, exigindo que eu promettesse *me casar com Perry quando crescesse*, sendo isso uma condição para que ela custeasse a educação dele. Nunca contei isso a ninguém, porque tenho vergonha, salvo à Ilse, que disse:

“Que ideia essa da velha tia Tom, de querer casar Perry com uma Murray!’

“Mas também tem o fato de que a Ilse é muito dura com o Perry e discute com ele praticamente o tempo todo, por causa de coisas que só me fazem rir. O Perry detesta se sentir menor que qualquer pessoa, não importa a situação. Quando estávamos na festa da Amy Moore na semana

passada, o tio dela nos contou uma história sobre um bezerro deformado extraordinário que ele havia visto, com três patas traseiras, e Perry disse:

“Ah, *isso* não é nada perto de um pato que vi uma vez na Noruega’.

“(O Perry realmente esteve na Noruega. Ele costumava velejar para todo lado com o pai quando era criança. Mas não acreditei em nem uma palavra sequer sobre esse pato. Ele não estava *mentindo*; só *romantizando*. Querido professor Carpenter, *não consigo* seguir sem itálicos.)

“O pato do Perry tinha quatro patas, segundo ele: duas onde as patas de um pato normalmente estão e duas brotando das costas do bicho. E, quando ele se cansava de andar sobre as patas normais, virava de costas para baixo e seguia andando com o outro par de patas!

“O Perry contou essa história da carochinha com a cara mais lavada; todos rimos, e o tio de Amy disse: ‘Ah, mas por favor, Perry’. Mas a Ilse ficou furiosa e não quis falar com ele durante todo o caminho de volta. Disse que ele havia feito papel de bobo tentando ‘se gabar’ com uma historinha besta como aquela, e que *nenhum cavalheiro* agiria dessa forma.

“O Perry disse: ‘Ainda não sou nenhum cavalheiro; sou só um criado. Mas, algum dia, dona Ilse, vou ser um cavalheiro mais refinado do que qualquer outro que você conheça’.

“Os cavalheiros *nascem* sendo cavalheiros. Não é algo que se possa *tornar*, entende?’, a Ilse respondeu, desdenhosa.

“A Ilse já abandonou quase por completo o hábito de xingar, como ela costumava fazer quando discutia com o Perry ou comigo, e passou a dizer coisas amargas e cruéis. Elas machucam muito mais que os xingamentos, mas eu não me importo... muito... nem por muito tempo, porque sei que a Ilse diz essas coisas da boca para fora e que me ama tanto quanto eu a amo. Mas o Perry diz que elas ficam presas na garganta dele. Eles não se falaram pelo resto do caminho de volta para casa, mas, no dia seguinte, a Ilse já estava brigando com ele de novo por cometer erros de gramática e por não se levantar quando uma dama entra na sala.

“Obviamente, você não tem como conhecer regras de etiqueta’, ela disse, com voz mais desdenhosa, ‘mas tenho certeza de que o professor Carpenter fez o melhor que pôde para lhe ensinar a gramática’.